



Informativo

Diocesano

Ano 45 - Número 465 - Maio de 2020

diocesedeumarama.org.br

A Revista Formativa e Informativa da Diocese Divino Espírito Santo - Umuarama - PR



Nosso
Jubileu de Ouro está chegando

Oração ao Divino Espírito Santo

Divino Espírito Santo, Deus que sois Luz e que tendes o poder de aquecer e mover a Igreja, nós vos pedimos por toda a Diocese de Umuarama, que vos tem como Padroeiro, por ocasião de nossa festa Jubilar.

Dai-nos sabedoria, fortaleza e discernimento neste momento em que estamos iniciando nossas celebrações comemorativas em todas as atividades que temos pela frente.

Iluminai-nos para que possamos fazer deste momento de celebração, um renovo em nossas vidas e na vida de nossas paróquias e de toda a nossa Diocese.

Aquece o nosso coração para que assim possamos aquecer os corações daqueles que caminham ao nosso lado em vossa igreja.

Não nos deixe desanimar, tampouco celebrarmos de qualquer modo este momento tão importante de nossa história de fé.

Divino Espírito Santo, nosso querido Padroeiro, a vós rogamos hoje e sempre. Amém!

Pe. Valdomir Almeida Machado

Pároco da Paróquia São José Operário - Umuarama - PR

INTENÇÃO UNIVERSAL DO PAPA:

Pelos diáconos:

Rezemos para que os diáconos, fiéis ao serviço da Palavra e dos pobres, sejam um sinal vivificante para toda a Igreja.

INTENÇÃO DIOCESANA:

Pelos agentes da evangelização:

Rezemos pelos que exercem a missão de evangelizar, para que, perseverantes no serviço, sejam sal e fermento na comunidade.



Informativo
Diocesano

Ano 45 - Número 465 - Maio de 2020

Endereço: Av. Pe. José Germano Júnior, 4260

Caixa Postal 191 - CEP 87502-970 - Umuarama - PR

Fone/Fax: (44) 3622-1301 **E-mail:** imprensa@diocesedeumuarama.org.br
www.diocesedeumuarama.org.br

Diretor-Geral

Pe. Carlos Alberto de Figueiredo

Editores Responsáveis

Pe. Carlos Alberto de Figueiredo
Amanda Azevedo Doenea

Coordenação do Jubileu

Pe. Carlos Gomes e
Equipe Diocesana
da Ação Evangelizadora

Conselho Editorial

Pe. Carlos Alberto de Figueiredo
Pe. José Osmar Benetolli
Aparecida Basílio Marçal
Érica Bolonhezi
Ir. Maria Vieira Feitoza
Solange Valentim de Oliveira
Katya Suzuki

Revisão

Amanda Azevedo Doenea

CAPA

Nosso Jubileu de Ouro
está chegando

Diagramação

Luiz Antoniassi

Impressão

Gráfica Umuarama
Fone: (44) 3055-4338

Tiragem

20.213 exemplares

DE CRISE | | EM CRISE

Deus queira que quando esta edição do nosso Informativo Diocesano chegar às suas mãos, a pandemia do COVID-19, que tanto nos preocupou e que me motivou a publicar este texto, já tenha sido debelada. Ele, a bem da verdade, não é inteiramente meu. Foi composto num grupo de estudos do qual participava, nos anos 1980. Acho-o muito bom. E, considerando bem, pensamento não é de ninguém. É como ar, que um expira e o outro inspira. Acho que quem o captar só tem a ganhar. Então, vamos lá...

"Crise significa decisão, purificação. Mas, o sentido mais originário da palavra crise é: volta ao vigor originário, à essência de uma coisa. De crise em crise somos levados a tomar nova decisão, que purifica a nossa mente de acessórios acidentais, de visões parciais e imaturas; e, assim, somos conduzidos de volta ao sentido mais profundo e próprio de nossa vida.

As dificuldades da vida, as negatividades que provocam a crise são convites para o regresso à fonte essencial do sentido de nossa vida. Mas depende do nosso vigor aproveitar de um tal acontecimento negativo para o nosso próprio bem. Aqui, como na morte, sou totalmente responsável pelo que sou, só. Nesse sentido, podemos dizer: tudo depende mim (Cuidar com a versão subjetiva da expressão!).

Libertar-se, realizar-se humanamente para o meu bem é descobrir que, em última instância, depende de mim, se algo reverte para o meu bem ou para a minha frustração. Quem consegue amar assim a vida pode se tornar realmente grato para com a dificuldade que o colocou numa péssima situação. Talvez isso seja o sentido do apelo do Evangelho de amar o inimigo.

Se considerarmos bem, ao assim aproveitar-se do seu inimigo, a gente está amando a si mesmo como o Deus de Jesus Cristo nos ama. Pois Ele nos quer tão grandes, tão vigorosos como Ele é: 'Sede perfeitos como meu Pai é perfeito' (isto é, na cordialidade do servir). É nisso que consiste a nossa realização. A partir daqui compreendemos melhor o mandamento: 'Amar o próximo como a si

mesmo'. Nós não conseguimos amar o próximo, não porque somos egoístas, mas sim porque somos tão mesquinamente egoístas, tão egoístas que nos contentamos com qualquer 'eu' chocho, fraco, sem muita ambição. Se amássemos o nosso eu de tal sorte que ambicionássemos ter um eu tão grande como o do Pai, então a partir de um eu assim, poderíamos amar toda e qualquer humana criatura com gosto, pois para quem ama, tudo reverte para o seu bem. E recordemos: eu só consigo amar o próximo na medida em que eu me amo a mim mesmo: 'amar o próximo como a si mesmo...'

As dificuldades da vida, da comunidade, os sofrimentos existem para que nós comecemos a criar em nós uma visão mais ampla da vida, comecemos, de crise em crise, a buscar uma realização maior do que aquela em que estamos instalados. A vida é, nesse ponto, intransigente. Ela é boa mestra. Ela nos perseguirá com sofrimentos, neuroses, complexos e dificuldades, até que nos decidamos a buscar uma identidade mais profunda e maior para nós. Mas, na consumação de nossa busca, no auge de nossa ambição, a vida nos mostrará que é preciso abandonar-se, nessa busca, à gratuidade do Mistério, na abnegação do poder, da vontade, como a um outro Eu maior, insondável, que é a saudade, o desejo de nossos corações. Essa tarefa só a pode realizar você mesmo, sozinho diante de Deus. Enquanto culpamos os outros, a situação, a educação, o passado, a estrutura, ainda não nos libertamos do paternalismo e imaturidade diante da vida".



**Dom Frei João
Mamede Filho, OFMConv**

Bispo Diocesano de Umuarama - PR

3 PALAVRA DO PASTOR DE CRISE EM CRISE

4 EDITORIAL TOQUE O JOBEL, SACRISTÃO

5 AÇÃO EVANGELIZADORA COMO ESTAMOS TRANSMITINDO A FÉ CRISTÃ?

6 MATÉRIA DE CAPA NOSSO JUBILEU DE OURO ESTÁ CHEGANDO



8 IGREJA-IRMÃ MANIFESTAÇÕES AMOROSAS DE DEUS POR NÓS

9 ENCONTROS RITUAL DE INICIAÇÃO DE ADULTOS

21 ESCOLA DE TEOLOGIA UM SÓ PASTOR E UM SÓ REBANHO

22 CATEQUESE DE FÉ A SALVAÇÃO E A MISSA

24 FORMAÇÃO LITÚRGICA JUBILEU - TEMPO DE RENOVAR E CELEBRAR A VIDA

25 VIVÊNCIA CATEQUETICA CATEQUESE POR AMOR É POSSÍVEL A INCLUSÃO NA CATEQUESE?

26 ASSUNTOS DE FAMÍLIA CUIDADO! AS TELAS INVADIRAM SUA CASA E SUA VIDA

27 VOCAÇÃO VOCAÇÃO E SALVAÇÃO

TOQUE O JOBEL, SACRISTÃO

O livro de Levítico relata que os judeus são ordenados a fazer a contagem de sete semanas de anos, isto é, sete vezes sete; 49 anos. Sendo assim, o quinquagésimo ano significava a festa jubilar. Na época, fazia-se tocar uma trombeta feita com o chifre de um carneiro, *jobel*, em hebraico, para anunciar um ano de grande júbilo, um ano de muita alegria.



A terra, como no simples ano sabático, devia ficar sem cultura. Nesse ano, todos os escravos estavam em condições de obter a liberdade, as terras dos pais que haviam sido vendidas ou perdidas em dívidas durante esses cinquenta anos precedentes voltariam para os vendedores.

Era um ano tão importante que o povo o comemorava com solenidades marcantes. Era considerado um ano de resgate.

Sabe-se que o primeiro *jubileu* realizado pela religião católica ocorreu em 22 de fevereiro de 1300, e foi instituído pelo Papa Bonifácio VIII. Já o último jubileu ocorreu em 8 de dezembro de 2015, no Vaticano, pelo Papa Francisco.

Este último jubileu foi de caráter extraordinário, no qual foi enfatizada a Misericórdia, e a convocação se deu por meio da Bula *Misericordiae Vultus*.

Por que estamos falando de Jubileu e chifre? Não vamos confundir. Esse chifre anunciava o começo das festas. Assim como se tocava essa trombeta, a Revista Informativo Diocesano também continua anunciando nossas festas de júbilo, de alegria.

Por isso que o padre Machado expõe para nós as celebrações do Jubileu Diocesano. É importante que você acompanhe com sua paróquia e sua comunidade as celebrações propostas, uma vez que estamos em tempo de vivenciarmos nossa fé e vida cristã, rumo ao Jubileu.

Em outro momento da Revista, temos os Encontros da Iniciação Cristã com a equipe coordenadora da Ação Evangelizadora.

Neste mês, procuremos aprofundar mais nosso encontro com o Senhor, vivenciando a grande festa do Jubileu. Toque o *jobel*, sacristão!

Boa leitura!

Pe. Carlos Alberto de Figueiredo

Diretor-Geral - Informativo Diocesano
Diretor-Geral - Rádio Inconfidência FM
Umuarama - PR

diretor@radioinconfidenciaam.com.br

Como estamos transmitindo a fé cristã?

“Não se nasce cristão, cristão se torna”

Que resposta você teria para quem lhe abordasse com a pergunta: “O que eu preciso fazer para me tornar católico?”. O que você diria? Diria para procurar a secretaria paroquial? Será que poderia dizer: “Procure a equipe de Iniciação à Vida Cristã da paróquia?” “Ou, quem sabe, comece a frequentar uma comunidade”... Vejo que não seria nada fácil para quem lhe abordou seguir esses conselhos. E mais, será que a pessoa se sentiria confortável para se apresentar? E, ainda, quantas paróquias estão prontas para dar encaminhamento?

Também, procurando a secretaria da Paróquia, que tipo de resposta encontraria? Seria: “Já começou a catequese, volte o ano que vem”. Ou, “Vou anotar o seu nome e o celular, depois alguém entra em contato”.

Veja que uma simples pergunta de alguém, que deseja tornar-se cristão, muitas vezes fica sem uma resposta adequada. E olha que aumenta o número de pessoas que chega à idade adulta sem que tenha se iniciado na vida cristã. Aí fica a pergunta: “O que estou fazendo em favor daqueles que querem conhecer melhor a vida cristã?”. Será

que já não está na hora de ser eu o introdutor na fé de muitos que não chegaram à maturidade da mesma?

Será que não está na hora de sermos mais presentes, e diante de alguém que nos pergunta: “O que eu preciso fazer para me tornar católico?”, a resposta mais plausível não seria: Venha comigo na Comunidade; comece a frequentar a Comunidade... Posso lhe acompanhar!?

O Documento de Aparecida já fez essa constatação: “Temos alta porcentagem de católicos sem a consciência de sua missão de ser sal e fermento no mundo, com identidade cristã fraca e vulnerável” (DAP. n.º 286).

“Isso constitui grande desafio que questiona a fundo a maneira como estamos educando na fé e como estamos alimentando a experiência cristã; desafio que devemos encarar com decisão, coragem e criatividade, visto que, em muitas partes a iniciação cristã tem sido pobre ou fragmentada. Ou educamos

na fé, colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo e convidando-as para segui-lo, ou não cumpriremos nossa missão evangelizadora” (DAP. n.º 287).

“A iniciação cristã, que inclui o querigma, é a maneira prática de colocar alguém em contato com Jesus Cristo e iniciá-lo no discipulado [...] A iniciação cristã, propriamente falando, refere-se à primeira iniciação nos mistérios da fé, seja na forma do catecumenato batismal para os não batizados, seja na forma do catecumenato pós-batismal para os batizados não suficientemente catequizados” (DAP. n.º 288).

A paróquia em que você participa já fez clara e decidida opção pela IVC (Iniciação à Vida Cristã)? Os membros de sua comunidade estão recebendo formação adequada para ser cristãos, discípulos missionários?

Pe. José Osmar Benetolli

Coordenador Diocesano
da Ação Evangelizadora
Cidade Gaúcha - PR
✉ benetolli@hotmail.com



Nosso Jubileu de Ouro está chegando

Certamente quem está mais atento à vida da igreja local, já ouviu falar que estamos caminhando para a grande celebração dos 50 anos de história de nossa Diocese. A celebração do Jubileu de Ouro é um momento privilegiado para revermos nossa história, agradecermos a Deus por tudo que foi vivenciado até o presente momento e também pedir que continue a nos conduzir nos passos futuros de nossa história. Será um tempo forte de ação de graças na vida de toda a Diocese Divino Espírito Santo, de Umuarama.

Como vamos celebrar nosso Jubileu?

Na dimensão celebrativa temos três projetos:

- 1 – Tríduo Jubilar nas Solenidades de Pentecostes de 2020, 2021 e 2022;
- 2 – Projeto Diocese Iluminada;
- 3 – Grande celebração Jubilar em 2023.

Projeto 01 - Tríduo Jubilar

O que celebraremos em cada ano do Tríduo Jubilar?

Em cada ano, por ocasião da Solenidade de Pentecostes, vamos meditar um tema específico sugerido, para fazermos esta caminhada de preparação para o ano Jubilar. Estes temas serão meditados e rezados nas missas do final de semana de Pentecostes, em encontros com as lideranças em cada paróquia e nos pequenos grupos, por meio de uma reunião específica no Informativo Diocesano. Serão momentos importantes em que cada paróquia, comunidade ou grupo poderão refletir, rezar e celebrar a beleza deste grande momento histórico de nossa Diocese.

Quais os temas que vamos meditar em cada ano?

- Em 2020 celebraremos a história de nossa Diocese;
- Em 2021 vamos meditar as ações do Espírito em nossa Diocese;
- Em 2022 rezaremos ao Espírito Santo para o futuro de nossa Diocese.

Orientações:

- Haverá um roteiro, preparado pela equipe diocesana como sugestão para as Paróquias estarem celebrando em unidade com a Diocese;
- Além de orientações para as missas de Pentecostes, também será sugerido que nos dias que antecedem, ou após a Solenidade, haja nas Paróquias momentos celebrativos com as lideranças para aprofundamento do tema, e isso precisa ser feito em consonância com a vida e história de cada paróquia, o que vai exigir uma preparação prévia;
- No mês em que for a Solenidade de Pentecostes, o Informativo Diocesano trará uma reunião específica para os grupos de reflexão, com a temática sugerida para cada ano.

Vamos aprofundar o tema de cada ano do Tríduo Jubilar

Em **2020** celebraremos a história de nossa Diocese na Solenidade de Pentecostes nos dias 30 e 31 de maio. Acompanhe a ideia central do primeiro ano do Tríduo:

- Fazer uma profunda memória dos pioneiros da fé que aqui chegaram, em nossa Diocese, desbravaram esta região e junto com o sonho de uma vida nova trouxeram também a cruz de Cristo;
- Será o momento de fazermos memória da história de nossa Diocese, de cada paróquia e de suas comunidades. Sempre é importante valorizar a história local dentro do contexto da vida de nossa Diocese.

No próximo ano, **2021**, vamos celebrar as ações do Espírito Santo em nossa Diocese ao longo desses 50 anos de evangelização na solenidade de Pentecostes, nos dias 22 e 23 de maio. Estes são os aspectos centrais do segundo ano do Tríduo Jubilar:

- Nesse ano, iremos celebrar as grandes ações realizadas em nossa Diocese à luz do Espírito Santo, nosso Padroeiro. Iremos resgatar, valorizar e agradecer por todas as iniciativas pastorais que foram desenvolvidas ao longo destes 50 anos;
- Celebrar a vida de nossas pastorais, movimentos, comunidades, grupos, acampamentos e tantas formas de evangelização que foram importantes para nossa Diocese e Paróquias. Valorizar tantas iniciativas positivas que contribuíram para a formação espiritual de nossa gente, tanto em nível diocesano quanto paroquial.

No último ano de nosso Tríduo Jubilar, **2022**, iremos pedir luzes ao Espírito Santo para o futuro de nossa Diocese, na solenidade de Pentecostes, nos dias 04 e 05 de junho. Os destaques centrais nesse ano são:

- Rezar e fazer um grande apelo ao nosso Padroeiro, Divino Espírito Santo, em favor de nossa Diocese, para que mantenha viva esta igreja particular;
- Levar todo povo de Deus a rezar por nosso Bispo Diocesano, padres, diáconos, religiosos (as), e pelas vocações sacerdotais, religiosas, missionárias e agentes comprometidos com a igreja local;
- Clamar ao Espírito Santo que nos inspire a manter nossa Diocese fervorosa, mesmo em meio aos desafios do mundo moderno;
- Pedir por nossas crianças e jovens, para que levem adiante, por meio de nosso testemunho, esta grande obra de fé;
- Fazer uma prece de fé para a renovação de nossas pastorais, movimentos e comunidades para o surgimento de novas formas de evangelização.

Projeto 02 - Diocese Iluminada

O que é o projeto Diocese Iluminada?

Trata-se de uma dinâmica com fogo simbólico que vai ser aceso e abençoado por nosso Bispo, na Catedral de Umuarama, numa celebração eucarística, com a presença de todo o clero e o povo de Deus no dia 26 de maio (quinta-feira) de 2022, na abertura oficial do Ano Jubilar.

Este fogo abençoado vai percorrer toda nossa Diocese no decorrer de um ano, e em cada paróquia por onde passar ficará uma chama acesa. A ideia é que a Diocese fique toda iluminada seguindo a cronologia de fundação de cada Paróquia.

Cada Paróquia receberá uma vela ou lamparina



Jubilar, que deverá ser colocada em local de destaque na Igreja e acesa em todas as celebrações até o final do ano Jubilar. As Paróquias receberão sugestões para realizar atividades durante a semana em que a luz estiver presente, envolvendo o maior número de pessoas, com suas pastorais, movimentos e comunidades.

Projeto 03 - Grande Celebração Jubilar

Será um grande evento envolvendo o maior número de pessoas de toda a Diocese, no Parque de Exposição de Umuarama. A data prevista é dia 28 de maio de 2023, a partir das 17h. Nesta ocasião, o Bispo Diocesano, com todo o Clero, religiosos (as), seminaristas e povo de Deus, celebrará a grande festa dos 50 anos da Diocese de Umuarama. Também serão convidados Bispos e padres de diversas dioceses, bem como leigos e autoridades civis.

A intenção é que haja mobilizações nas paróquias com caravanas para participar do evento. Cada paróquia deverá trazer sua Luz para compor um grande mosaico do Espírito Santo. Serão três horas de evento divididas em duas partes, começando com um show que contará a história da Diocese e, logo após, uma missa solene presidida pelo Bispo Diocesano.

Obs.: Todos estes projetos podem sofrer ajustes e alterações quanto a datas.



**Pe. Valdomir
Almeida Machado**

Pároco da Paróquia São José Operário
Umuarama - PR

Manifestações amorosas de Deus por nós



Irmãos e Irmãs de nossa
Igreja-Irmã de Umuarama

Em setembro passado completei os 75 anos de vida. Já antes tinha falado e escrito ao Núncio Apostólico que estava a colocar o meu cargo à disposição, como orienta o Direito Canônico. Mas não aconteceu nada. Em janeiro, tomei a decisão de viajar no mês de fevereiro, por três semanas, para a Alemanha. Afinal, todos os meus irmãos (homens) têm mais idade do que eu... Hoje digo: Como foi bom ter feito esta viagem! Depois da Quarta-feira de Cinzas, não demorei em baixar (pelo Rio Madeira, que nesta época está cheio) a Manicoré. Após um breve retiro com os candidatos ao Diaconato Permanente, ordenei dois que já possuem uma boa caminhada. Subindo, encontrei-me com o assessor jurídico de nossa diocese para negociar com pessoas que haviam adquirido há anos um lote para construir suas casas, faz quase 20 anos. Levando em conta a situação social de cada família, acertamos o pagamento de 10% de um salário para pagar durante 10 anos, ou seja, para adquirir um chãozinho de 12 x 30 m. O dinheiro ficaria na paróquia (sem entradas suficientes) para garantir a sustentação de um administrador paroquial. O dízimo é pouco. Assim foi o plano. Mas um tanto de compradores

não mostraram disposição para pagar. Na cabeça deles, a Igreja é rica, porque sempre consegue se sustentar de um jeito ou de outro. Esses preconceitos são mais resistentes do que um 'vírus'.

Depois dos encontros com esses compradores, subi (Rio Madeira) a uma pequena comunidade, Valparaíso, que já estava me esperando para celebrar a Crisma de 8 jovens. Não tive pressa entre catequese, confissões e celebração. E foi bom assim, pois estas celebrações devem permitir que mente e coração acompanhem o que se celebra. Lamento quando percebo que o coração dos jovens não está à altura deste imenso dom de Deus. Como deveríamos expressar nossa gratidão por todas as manifestações amorosas de Deus por nós! Ainda mais pelo Dom de Deus: o Espírito Santo. Costumo dizer: "Deus é demais!".

De Humaitá saí para visitar nossos três seminaristas no Seminário Maior de Porto Velho, e para conversar com o Reitor. Logo em seguida, voltando para cá, preparei a viagem a Apuí, 420km distante de Humaitá. De ônibus gastamos 15 horas! E, nestas alturas, já refletimos nós (dois padres, um candidato ao sacerdócio e eu) sobre a pandemia do novo Coronavírus. Fizemos uma abordagem pastoral – espiritual.

Ora, naqueles dias me deparei com os versículos do livro de Daniel 3, 24-26: "Sidrac, Misac e Abdênago ficaram passeando no meio das labaredas, cantando hinos a Deus e louvando o Senhor. Azarias, de pé, soltando a voz no meio do fogo, rezou assim: Bendito sejas tu, Senhor, Deus de nossos pais!". Por coincidência, são três homens na faixa dos 40 anos que vivem e trabalham em Apuí, agora de difícil acesso, em clima de 'quarentena'. 'No meio do fogo', ficariam fiéis à sua missão de serem testemunhas de uma realidade maior, de um amor mais fiel. Iriam descobrir maneiras de como louvar a Deus e interceder pelos fiéis. Vieram à nossa mente os exemplos do profeta Jonas no ventre da baleia, da rainha Ester diante do rei Assuero... Quanto menos esperança humana, mais nossas vozes devem se erguer a Deus num ato de fé e confiança!

Que Deus nos faça sair desta crise, fortalecidos em relação a Ele e aos próximos!

Dom Francisco
Meinrad Merkel, CSSp

Bispo de Humaitá - AM
dmeinradfrancisco@gmail.com





4º Encontro (04-10/05) A Missa - parte por parte - II

1) OBJETIVO

Conhecer a segunda parte que compõe a Missa, o culto mais sublime que oferecemos ao Senhor: Celebração da Eucaristia, que é o Memorial do Sacrifício do Corpo e do Sangue de Jesus Cristo.

2) AMBIENTAÇÃO

Preparar sobre a mesa, além da vela acesa, uma cruz e uma bíblia, imagens dos objetos litúrgicos da missa: a mesa do Altar, cadeira do padre, ambão, missal, lecionário, partículas, patena, cibório, cálice, galhetas com água e vinho, alva ou túnica, estolas, casula, flores, etc. Apresentar cada um dos objetos aos catecúmenos. Para o final do encontro, pão e suco de uva para a partilha.

3) RITO INICIAL

Acolher, com carinho, os catecúmenos; pedir que silenciem o coração para abri-lo à mensagem que o encontro de hoje nos irá transmitir. A seguir, pedir que tracem o Sinal da Cruz e motivar à oração, invocando a ação do Espírito Santo em cada um dos presentes. Dizer a eles que o tema deste encontro é a continuação do estudo das partes da Santa Missa. E aclamar a Palavra de Deus com um canto.

Canto: Vai falar no Evangelho (*Cantos para as Comunidades*, p. 15, n.º 64).

4) ILUMINAÇÃO BÍBLICA

Anim.: Proclamar Mt 26,17-20.26-29, de acordo com o método da Leitura Orante da Bíblia.

- De que fala o texto que acabamos de ouvir?
- O que o texto diz para mim, para nós?
- O que o texto me faz dizer a Deus?

5) APROFUNDANDO O TEMA A MISSA PARTE POR PARTE-II

III - LITURGIA EUCARÍSTICA

1.1 Preparação das Oferendas

No início da Liturgia Eucarística, são levadas ao altar as oferendas que se converterão no Corpo e Sangue de Cristo, o pão e o vinho com água.

Procissão com os dons

A preparação do Altar e a Apresentação das Oferendas constituem, em tempos oportunos, para manifestar a participação da assembleia dos fiéis, seja na procissão com a qual se conduz o pão e o vinho para o sacrifício, seja no recebimento do dinheiro ou de outros donativos oferecidos aos pobres ou para a Igreja.

Pão e vinho para o sacrifício

Jesus, em sua última ceia, usou o pão que era prescrito para tal

banquete: pão sem fermento, ou ázimo, feito de flor de farinha. Na preparação do cálice para a Missa, o Sacerdote junta ao vinho umas gotas de água. As gotas de água representam o povo, e o vinho, Cristo. Assim, ao misturar água e vinho, se “mistura” a nossa humanidade à divindade de Cristo. Por isso, quando o Sacerdote mistura a água ao vinho, diz a oração: “Pelo mistério desta água e deste vinho possamos participar da divindade do vosso Filho, que se dignou assumir a nossa humanidade”.

Apresentação dos Dons ou das Oferendas

É uma oração de bênção feita pelo Sacerdote, elevando o pão e o vinho aos céus, que diz: “*Bendito sejas, Senhor, Deus do universo, pelo pão (pelo vinho) que recebemos de vossa bondade, fruto da terra (da videira) e do trabalho humano, que agora vos apresentamos e para nós se vai tornar pão da vida (vinho da salvação)*”. Tal oração mostra que estes frutos da terra e da fadiga humana se orientam na Eucaristia a um destino salvífico.

Purificação das mãos do Sacerdote

O rito de Apresentação dos Dons inclui o Ato de Purificação das mãos do Sacerdote (Ablução), porque antes de tocar coisas

santas e preciosas e, também, de participar de um ato festivo, é preciso estar limpo e purificado.

1.2 Oração sobre as Oferendas

Convite à oração: “Orai, irmãos [...]”

O Sacerdote dirige-se aos fiéis presentes pedindo que orem para que aquele concreto sacrifício seja recebido pelo mesmo Deus Pai Onipotente. A resposta dos fiéis, característica e muito expressiva, indica que o povo se reconhece presente e participante no Sacrifício: *“Receba o Senhor por tuas mãos este Sacrifício, para glória do seu nome, para nosso bem e de toda a Santa Igreja”*. É importante observar que se diz: *“Receba o Senhor...”* e não *“Receba, ó Senhor...”*.

Oração sobre as oferendas

Na Oração sobre as Oferendas, a Igreja implora para que o Senhor, recebendo a oferta ali apresentada, aceite também os pedidos e a vida dos ofertantes: assim como a oferta sobe, que desça sobre o povo fiel as bênçãos de Deus.

1.3 Oração Eucarística

Na Oração Eucarística, que é o centro e ápice de toda a celebração, prece de ação de graças e santificação, rendem-se graças a Deus por toda a obra salvífica e as oferendas tornam-se Corpo e Sangue de Cristo.

Diálogo inicial

A tríplice invocação de abertura: *“O Senhor esteja convosco”*, *“Corações ao alto”*, *“Demos graças ao Senhor, nosso Deus”*, mostra bem qual deve ser o comportamento fundamental de quem entra em oração: todo e qualquer sentimento, preocupação e pensamento deve desaparecer, porque, nesse momento, o nosso coração está totalmente orientado para Deus.

Prefácio

O Prefácio (*“o que vem antes”*) é um hino de “abertura” que solenemente dá início à Oração Eucarística. Por isso, o Celebrante convida a assembleia para elevar os corações a Deus, dizendo *“Corações ao alto”*! É um hino que

proclama a Santidade de Deus e dá graças ao Senhor. Existem inúmeros prefácios que abordam temas variados.

Santo

Com a aclamação do hino do Santo, toda a assembleia louva o Senhor Deus, retomando aquelas palavras que se inspiram fundamentalmente em dois importantes textos do Antigo Testamento: Is 6,3 e Ez 39,7: *“Santo, Santo, Santo, Senhor Deus do Universo. O céu e a terra proclamam a Vossa glória”*, e a aclamação do povo diante de Jesus quando de sua última entrada em Jerusalém no *“Dia de Ramos”*: *“Hosana nas alturas. Bendito o que vem em nome do Senhor. Hosana nas alturas”* (Mt 21,9). É proferida por todo o povo com o Sacerdote.

Primeira Epiclese

Epiclese (*“chamar sobre”*, *“invocar”*) é a invocação que se eleva a Deus para que envie o seu Espírito Santo e transforme as coisas ou as pessoas. Segue-se, então, a primeira Epiclese de Consagração. É uma invocação que o Sacerdote dirige a Deus, pedindo que envie o Espírito Santo para transformar pessoas ou coisas. No caso da Missa, pedindo para transformar o pão e o vinho, em Corpo e Sangue de Cristo.

Narração da Instituição

Na narração da instituição, como o próprio nome indica, repetem-se aquelas mesmas palavras que, conforme as Escrituras, Jesus Cristo usou na sua Última Ceia, quando, abençoando o pão e o vinho, instituiu a Eucaristia: *“Estando para ser entregue e abraçando livremente a paixão, ele tomou o pão, deu graças, e o partiu e deu a seus discípulos, dizendo: Tomai, todos, e comei [...]”* Esta narração é o coração e o centro da Oração Eucarística.

Aclamação do Povo

Após apresentar o Corpo e o Sangue de Jesus para a adoração, quem preside suscita a aclamação do povo com estas palavras: *“Eis o mistério da fé”*. O povo responde, não se dirigindo a Deus, como se

faz ao longo de toda Oração Eucarística, mas a Jesus Cristo: *“Anunciamos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!”*. Quando damos esta resposta, devemos nos levantar, pois quem anuncia a ressurreição está de pé, postura do seguidor d'Aquele que venceu a morte.

Anamnese

Após a aclamação do povo, segue-se a anamnese, termo grego, que significa *“memorial”*, *“comemoração”*. *“Celebrando, pois, a memória da morte e ressurreição do vosso Filho...”*.

Ofertório

As palavras que se seguem correspondem exatamente ao ofertório da Missa: *“Celebrando [...] nós vos oferecemos, ó Pai, o pão da vida e o cálice da salvação”*. Assim, o verdadeiro *“ofertório”* eucarístico não se encontra na apresentação dos dons, mas nessa parte central da Oração Eucarística.

Segunda Epiclese

É uma invocação que se eleva a Deus para que envie o seu Espírito Santo e transforme as coisas ou as pessoas: *“E nós vos suplicamos que, participando do Corpo e Sangue de Cristo, sejamos reunidos pelo Espírito Santo num só corpo”*. De novo se invoca Deus Pai para que envie o seu Santo Espírito, dessa vez sobre a comunidade reunida para a Eucaristia.

Intercessões

Depois temos as intercessões, geralmente em número de três, nas quais se implora pela Igreja aqui na terra, pela Igreja dos que já faleceram na esperança da ressurreição e pela Igreja celestial, que intercedam por nós lá no céu.

Doxologia Final e Amém Conclusivo

O termo *“Doxologia”* significa *“palavra de glória”*. É um resumo de toda a Oração Eucarística *“Por Cristo, com Cristo e em Cristo, a vós Deus Pai [...]”*. Estas palavras são próprias, única e exclusivamente, do sacerdote ou do bispo

que celebra a Missa e dos sacerdotes concelebrantes. Nelas, o sacerdote, tendo o Corpo e o Sangue de Cristo em suas mãos, louva ao Pai, e toda assembleia responde, proclamando ou cantando bem forte, com um grande “Amém”, que significa: “Assim seja”, “Estou de acordo”, e confirma tudo aquilo que viveu, finalizando a oração.

1.4 RITO DA COMUNHÃO

Sendo a Celebração Eucarística uma Ceia Pascal, convém que, segundo a ordem do Senhor, o seu Corpo e Sangue sejam recebidos como alimento espiritual pelos fiéis devidamente preparados.

O Pai-Nosso

O Rito da Comunhão tem início na recitação da Oração do Senhor. Trata-se de uma oração sumamente importante, porque não foi elaborada por nós, criaturas, mas tecida no coração do próprio Cristo. Pede-se o pão de cada dia, fazendo lembrar os cristãos do pão eucarístico, e pede-se a purificação dos pecados, a fim de que as coisas santas sejam verdadeiramente dadas aos santos. Essa oração prepara dignamente para o sublime sacramento da comunhão. Ao Pai-Nosso segue-se o embolismo, que significa “*juntar ou introduzir alguma coisa*”. É a prece feita pelo Sacerdote e ela pede, para a comunidade dos fiéis, a paz e a liberdade de todo o mal: “*Livrai-nos de todos os males, ó Pai, e dai-nos hoje...*”.

Rito e Saudação da Paz

Através da saudação da paz, toda a assembleia exprime a comunhão eclesial e a mútua caridade antes de comungar do Sacramento. Pede-se que se evite o “*canto da paz*” e o deslocamento de fiéis para a saudação da paz.

Fração do Pão

É o ato do Celebrante partir a hóstia e depositar no cálice uma parte. Surgiu na Igreja primitiva que usava pães grandes e realmente precisava partir, dando um belíssimo sinal de união, de partilha entre os irmãos. Mesmo gesto de Jesus que partiu o pão e o deu aos seus discípulos na

Ceia, significando a unidade do Corpo e do Sangue do Senhor na obra da Salvação.

Cordeiro de Deus

Nas margens do Jordão, quando João Batista vê Jesus vir ao seu encontro, exclama: “*Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo*” (Jo 1,29). É uma exclamação repetida sempre que celebramos a Santa Missa, no convite do Sacerdote para nos aproximarmos do Altar do Senhor. Ele se ofereceu, livremente, a Si mesmo em sacrifício por nós, realizando assim a nova e eterna Aliança.

Rito da comunhão

Comungar é participar da divindade de Jesus. Quem comunga deve meditar nesse mistério da presença real do Senhor em sua vida. Para comungar é necessário que cada um se examine bem. Não pode comungar e já sair da Igreja ou ficar conversando e se distraíndo, nem ir rezar diante de alguma imagem de sua devoção, pois Jesus deve ser o centro de sua atenção e piedade. Ele é o Hóspede divino que acaba de ser recebido.

Se você, por algum motivo, não pode ainda receber o Corpo de Jesus, deve recebê-lo espiritualmente, isto é, ter um desejo profundo de se unir a Ele.

Silêncio após a comunhão

Terminada a distribuição da comunhão, se oportuno, o sacerdote e os fiéis oram por algum tempo em silêncio, podendo a assembleia entoar ainda um hino, salmo ou outro canto de louvor. Este tempo de silêncio é seguido pela Oração depois da Comunhão, que conclui a última parte da Missa.

IV – RITOS FINAIS E ENVIO À MISSÃO

4.1 Bênção Final

O Celebrante invoca a bênção de Deus sobre toda a assembleia. Há várias bênçãos no Missal Romano e são tiradas da Bíblia. Para as festas litúrgicas, há bênçãos solenes.

4.2. Despedida

O Sacerdote ou o Diácono despede o povo com as palavras: “*Ide em paz e o Senhor vos acompanhe*”,

pedindo que o Senhor nos acompanhe no exercício de nossa Missão: levar Deus àqueles que nos foram confiados e testemunhar Seu amor em nossos gestos, palavras e ações.

Uma coisa muito importante que deve ser lembrada é que a Missa começa com a entrada do presidente e termina com a bênção final.

5) PARTILHA FRATERNA

Anim.: - A missa é o mais importante momento na sua vida cristã. Por que participar da Missa?

- Quem comunga a Eucaristia deve amar como Jesus amou, viver como Jesus viveu, sentir o que Jesus sentia. Como sermos hóstia viva no mundo de hoje?

6) RITO FINAL

Anim.: Rezemos em intenção do Santo Padre, o Papa, pelo nosso Bispo Diocesano e pelo(s) padre(s) de nossa comunidade e por todo o povo de Deus. De mãos dadas, rezemos a oração que o próprio Jesus nos ensinou:

T.: Pai Nosso...

Anim.: E saudemos a Maria, nossa Mãe Santíssima:

T.: Ave Maria...

Anim.: Senhor Jesus, na última Ceia com os apóstolos, tu nos deixaste a promessa de permanecer sempre conosco pela Eucaristia. No Calvário teu corpo foi preso na cruz e teu sangue, derramado. Cada vez que comemos dignamente do pão e bebemos do vinho consagrados, somos fortalecidos pelo teu amor. Te louvamos por tão grande dom e te pedimos: dá-nos sempre deste pão, dá-nos sempre deste vinho, que nos preparam para a vida eterna.

T.: Amém!

Anim.: Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo...

Todos: Para sempre seja louvado!

Anim.: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Todos: Amém!

Canto Final: Muitos grãos de trigo (*Cantos para as Comunidades, p. 18, n.º 80*).

5º Encontro (11-17/05)



1) OBJETIVO

Descobrir em Deus Pai Criador a origem de nosso ser e o sentido de nossa humanidade.

2) AMBIENTAÇÃO

Formar o caminho com pedras e flores. Ao longo do caminho serão colocados: vasilha com água, terra, tocha com fogo e gravuras que retratam a beleza da Criação (natureza e pessoas). No centro estará a Bíblia aberta na passagem da Criação (Gn 1,1-31), cercada de sementes e flores.

3) RITO INICIAL

Acolher os catecúmenos e fazer, com eles, uma pequena memória do encontro anterior. Depois, todos traçam o Sinal da Cruz e são convidados a rezar a oração pedindo que o Espírito Santo venha e traga luz para iluminar as mentes e os corações.

Todos: Vinde, Espírito Santo...

A seguir, o(a) animador(a)-catequista pede que observem o ambiente preparado para o encontro e deixa que falem. Depois, chama a atenção para a beleza, a perfeição e a grandiosidade da obra que Deus criou. Após um curto tempo de contemplação, proclama-se a Palavra.

Canto: Toda a Bíblia é comunicação (Cantos para as Comunidades, p. 12, n.º 35)

4) ILUMINAÇÃO BÍBLICA

Anim.: O capítulo 01 do Livro do Gênesis nos narra que Deus criou o

mundo e o ser humano. Vamos, agora, com a Bíblia na mão, ler, com calma, todo o capítulo primeiro de Gênesis (Gn 1,1-31).

Façamos uma pausa para leitura individual. De acordo com o método da Leitura Orante da Bíblia:

- De que fala o texto que acabamos de ouvir?
- O que o texto diz para mim, para nós?
- O que o texto me faz dizer a Deus?

5) APROFUNDAMENTO DO TEMA

O Catecismo da Igreja Católica diz que a catequese sobre a criação se reveste de uma grande importância. Diz respeito aos próprios fundamentos da vida humana e cristã, porque torna explícita a resposta da fé cristã à questão elementar que os homens de todos os tempos têm vindo a pôr-se: “De onde viemos?”, “Para onde vamos?”, “Qual a nossa origem?”, “Qual o nosso fim?”, “De onde vem e para onde vai tudo quanto existe?”. A questão das origens do mundo e do homem tem sido objeto de numerosas investigações científicas, que muito enriqueceram os nossos conhecimentos sobre a idade e a dimensão do cosmos, a evolução dos seres vivos, o aparecimento do homem. Tais descobertas convidam-nos, cada vez mais, a

admirar a grandeza do Criador e a dar-Lhe graças por todas as suas obras, e pela inteligência e sabedoria que dá aos sábios e investigadores.

Não se trata apenas de saber quando e como surgiu materialmente o cosmos, o mundo, nem quando é que apareceu o homem; mas, sobretudo, de descobrir qual o sentido de tal origem: se foi determinada pelo acaso, por um destino cego ou uma fatalidade anônima, ou, antes, por um Ser transcendente, inteligente e bom, chamado Deus.

A filosofia ensina que não existe efeito sem causa. Isto é, não pode haver um carro sem que alguém o tenha fabricado. Se o homem, com sua inteligência limitada, pode fazer coisas incríveis, tanto mais Deus, em sua infinita sabedoria e poder, pode criar infinitas maravilhas. Nós costumamos ter como milagres somente aqueles fatos extraordinários que saem fora do comum. Mas a ordem do universo é algo maravilhoso como um milagre. Santo Agostinho diz: “Os milagres com que Deus rege o mundo e dirige a Criação inteira ficam tão despercebidos na vida quotidiana, que quase ninguém se digna conceder um pouco de atenção às prodigiosas obras de Deus em cada grão de trigo que nasce”.

Diante da beleza e grandeza de todas as coisas que foram criadas, devemos todos os dias contemplar o que Deus nos deu! Temos que aprender a olhar um nascer e pôr do sol, contemplar a beleza das flores, do ar, a grandeza do mar e assim por diante.

Na oração do Creio professamos que Deus Pai todo-poderoso é o Criador do céu e da terra, ou seja, professamos a onipotência de Deus. A Santíssima Trindade é *onipotente* - tem todo o poder; é *onipresente* - está presente em todos os lugares; é *onisciente* - tem todo o conhecimento. Deus tem o poder universal, mas o exerce com amor de Pai e não com a rigidez de um tirano.

Mas, por que será que Deus criou o mundo? Porque quem ama, sempre gera a vida. Assim, a Criação foi feita para revelar o amor de Deus e para manifestar a sua glória. E a maior glória de Deus é a vida do ser humano. A criação revela também o poder e a sabedoria de Deus que cria do nada, apenas pela força da sua palavra. Basta analisarmos cada ser para percebermos que só uma inteligência suprema poderia criá-lo. E o mundo que Deus criou não é um caos, uma anarquia, mas é um mundo maravilhosamente ordenado e bom. Basta ver o ritmo da natureza.

O Criador não precisa de nós para ordenar o que criou, no entanto, quer contar com a nossa cooperação e permite que, nós também, sejamos inteligentes e livres para completar a Criação.

No último dia da Criação, disse Deus: *"Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança"* (Gn 1,6) e terminou seu trabalho com um *"toque pessoal"*. Deus formou o homem do pó e deu a ele a vida, compartilhando de seu próprio fôlego (Gn 2,7). Assim sendo, a vida humana é sagrada porque vem de Deus. Em nenhum momento a Igreja quer dizer que Deus se parece conosco. Nem pode afirmar que Deus se assemelha a nós. Ele não

pode ser comparado a nada e a ninguém. Quem se assemelha somos nós, que precisamos ser comparados.

A imagem de Deus refere-se à parte imaterial do homem. Ela separa o homem do mundo animal; confere ao homem a *"administração"* daquilo que Deus criou (Gn 1,28) e o capacita a ter comunhão com seu Criador.

Por ter sido criado à imagem e semelhança de Deus, o homem tem dignidade de pessoa humana. Somente ele está chamado a participar, pelo conhecimento e pelo amor, na vida de Deus. Distingue-se dos demais seres, pois é dotado de inteligência e racionalidade, que são reflexos da inteligência de Deus. É um ser livre, pode fazer escolhas, inclusive entre o bem e o mal, pois, em seu amor, Deus pede do homem e lhe proporciona resposta livre, amorosa e consciente. Sendo Deus Dono e Senhor, deixou ao homem a tarefa de cuidar da Criação. Nisto também se parece o homem com Deus, que lhe fez participar do dom de poder dominar sobre os animais, as plantas, enfim, tudo o que existe. Criados por Deus em total igualdade, como pessoas humanas, o homem e a mulher, apesar de possuírem diferenças físicas e psicológicas, são *"imagem de Deus"*. Devem, portanto, agradecer sempre a Deus, que os criou com tanto amor e continua cuidando de sua Criação.

O desejo de Deus é um sentimento inscrito no coração do homem, porque o homem foi criado por Deus e para Deus. Deus não cessa de atrair o homem para Si e só em Deus é que o homem encontra a verdade e a felicidade que procura sem descanso.

6) PARTILHA FRATERNA

Anim.: O texto bíblico de Gênesis 1,27-28 fala da criação do homem e como Deus ordenou que fossem fecundos e cuidassem da Criação. - O que significa dizer que Deus criou o homem à sua imagem e

semelhança?

- Tudo o que Deus criou, Ele viu que era bom! O que significa esta afirmação e por que existe o mal no mundo?

7) RITO FINAL

Anim.: Nós proclamamos a vossa grandeza, Pai santo, a sabedoria e o amor com que fizestes todas as coisas: criastes o homem e a mulher à vossa imagem e lhes confiastes todo o universo, para que servindo a vós, seu Criador, dominassem toda criatura. E quando pela desobediência perderam a vossa amizade, não os abandonastes ao poder da morte, mas a todos socorrestes com bondade, para que, ao procurar-vos, vos pudessem encontrar. Socorrei, com bondade, os que vos buscam" (Missal Romano. Oração Eucarística IV).

RICA, n.º 119: Quem coordena o encontro estende as mãos sobre todos, enquanto faz a oração da bênção. Peça que abaijem a cabeça e diz:

Oremos: Senhor Deus onipotente, criastes o ser humano à vossa imagem e semelhança, em santidade e justiça, e quando ele se tornou pecador, não o abandonastes, mas pela encarnação de vosso Filho lhe providenciastes a salvação. Salvai estes vossos servos e servas, livrai-os de todo o mal e da servidão do inimigo e deles expulsai o espírito da mentira, cobiça e maldade. Recebei-os em vosso Reino e abri seus corações à compreensão do vosso Evangelho para que sejam filhos da luz, deem testemunho da verdade e pratiquem a caridade segundo os vossos mandamentos. Por Cristo, nosso Senhor.

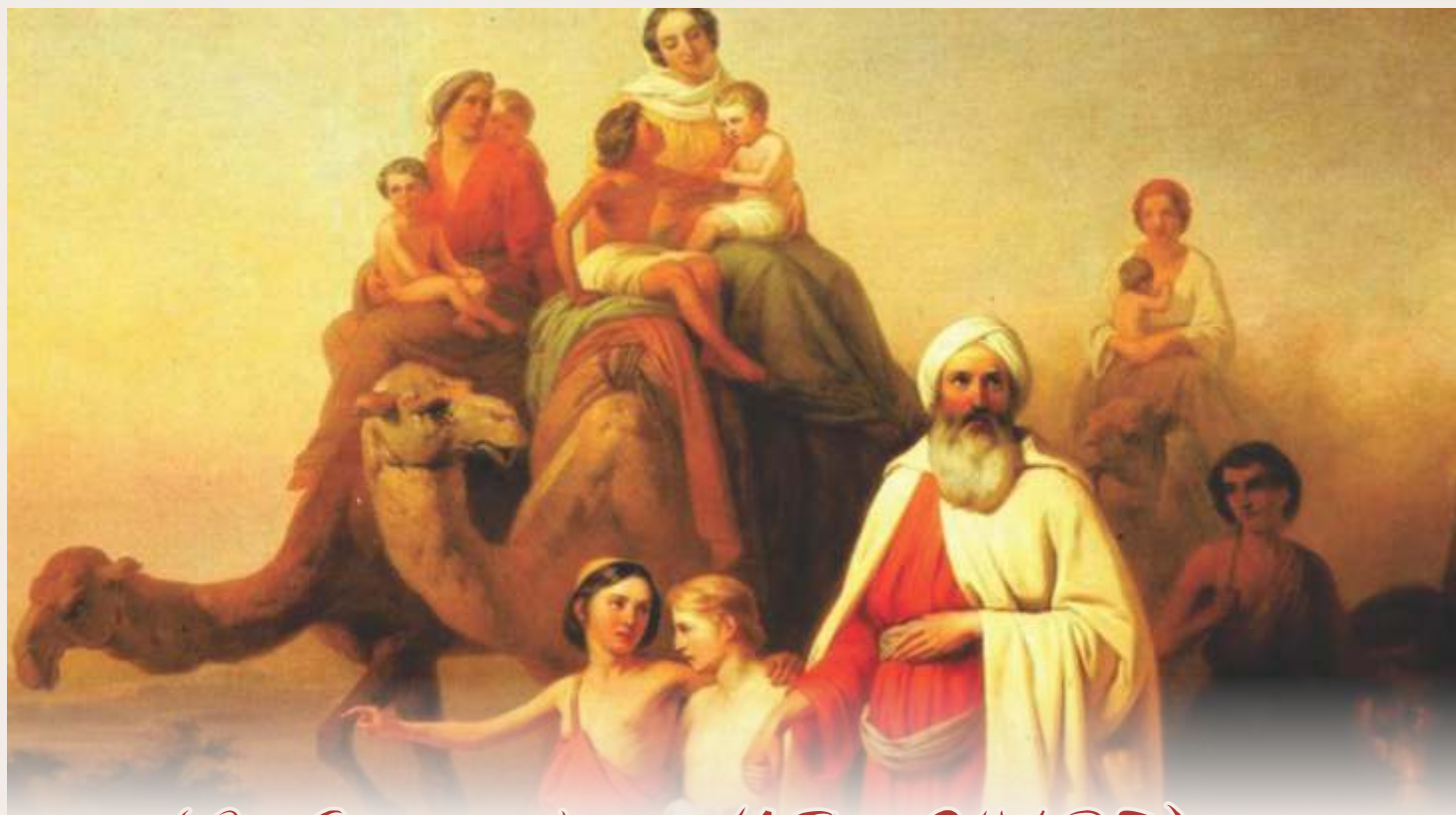
Anim.: Que o Senhor seja a vossa força e a vossa luz.

Todos: Amém.

Anim.: Ide em paz e que Ele sempre vos acompanhe. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Todos: Amém!

Canto Final: Do mesmo sopro divino vivendo (p. 117, n.º 602).



6º Encontro (18-24/05) História da Salvação I

1) OBJETIVO

Apresentar a Aliança de DEUS com ABRAÃO para que conheçam a história da salvação.

2) AMBIENTAÇÃO

Acolher, com palavras amigas, os catecúmenos e colocá-los, se possível, em círculo, deixando-os bem à vontade. Apresentar o tema dizendo que será estudado em dois encontros. Pode ser feita uma dinâmica, para ajudar a despertar o interesse.

3) RITO INICIAL

Colocar-se na presença de Deus, saudar a Santíssima Trindade e, em seguida, invocar o Divino Espírito Santo ou outra oração que o(a) Animador(a)-catequista queira preparar.

Todos: Vinde, Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo de

vosso amor. Enviai o vosso Espírito e tudo será criado e renovareis a face da terra.

Anim.: Oremos:

Todos: Deus, que instruístes os corações dos vossos fiéis com a luz do Espírito Santo, fazei que apreciemos retamente todas as coisas, segundo o mesmo Espírito, e gozemos sempre de sua consolação. Por Cristo, Senhor nosso. Amém!

Canto: Palavra de salvação (*Cantos para as Comunidades, p. 13, n.º 38*).

4) ILUMINAÇÃO BÍBLICA

Anim.: Proclamar Gn 12,1-3, fazendo uso do método da Leitura Orante da Bíblia:

- De que fala o texto que acabamos de ouvir?
- O que o texto diz para mim, para nós?

- O que o texto me faz dizer a Deus?

5) APROFUNDANDO O TEMA

Deus, em sua sabedoria e bondade, quis revelar-se a si mesmo e tornar conhecido o mistério de sua vontade (cf. CIC - Catecismo da Igreja Católica, n.º 51). Para isso, Deus escolhe um povo e a ele se revela.

Gradativamente, prepara-o para a Salvação que se realizará plenamente na pessoa de Jesus Cristo. O Antigo Testamento prepara o caminho de Jesus. Por isso, é necessário conhecermos a história do Povo de Deus, isto é, a História da nossa Salvação. A preparação do Povo de Deus inicia-se com o chamado de uma pessoa muito especial, chamada Abrão (Gn 12,1-11).

No tempo de Abrão, as pessoas

eram politeístas, isto é, acreditavam na existência de muitos deuses. E essa era a realidade de Abrão. Deus escolhe Abrão, para formar um povo, do qual seria único Deus e Senhor.

Abrão era caldeu, vivia na cidade de Ur, na Caldeia, que hoje é a região do Iraque, quando foi chamado por Deus, por volta de 1850 antes de Cristo.

Abrão era casado com uma mulher chamada Sarai, que era estéril e não podia lhe dar filhos. Já idoso, Abrão se sentia fracassado, porque não tinha o que mais desejava: uma descendência para quem deixasse sua experiência de vida e seus bens. Nessa situação, ele ouviu a voz de Deus; Era um Deus diferente do que ele conhecia e que lhe falava fazendo-lhe uma promessa que, humanamente, parecia-lhe impossível: *“Farei de ti uma grande nação e te abençoarei: engrandecerei o teu nome, e tu serás uma bênção!”* (Gn 12,2). A ele que tinha uma esposa também idosa e estéril. Essa descendência é a descendência da fé de Abrão.

Com Abrão, começa a surgir o embrião de um povo novo que terá a missão de levar a Bênção de Deus para todas as nações da Terra. Esse povo será portador do projeto de Deus: refazer, no homem, a imagem e semelhança de Deus, desfigurada pelo pecado. O caminho começa pela Fé: Abrão atende o chamado divino e aceita todos os riscos. Deixa-se conduzir totalmente por Deus. Sai da sua terra, sem saber para onde vai.

Ele parte, acompanhado de sua mulher Sarai e de seu sobrinho Ló, com todos os seus servos e seus rebanhos; não deixam nada para trás; estão totalmente abandonados em Deus. Não foi fácil. Foi uma experiência de Fé.

Fé não é, simplesmente, acreditar em Verdades sobre Deus. Fé é responder a um chamado pessoal de Deus, a uma vocação, porque toda a nossa vida é feita de vocações (chamados) de Deus; é abrir o coração para a vontade de

Deus.

O capítulo 15 do Livro do Gênesis apresenta Abrão pedindo a Deus uma prova de que realizará o que prometeu. E Deus firma com Abrão um contrato, uma aliança. Nesse pacto que Deus faz com Abrão, Ele não lhe pede nada além de confiar n'Ele. É Deus quem se compromete com o homem! É Ele quem realiza a obra! Apesar das infidelidades do homem, Deus sempre será fiel.

Como o tempo passava e Sarai não engravidava, cedeu uma escrava para que Abrão gerasse um filho com ela. Assim, nasce Ismael. Porém, Deus diz a Abrão que este não é o filho da promessa. Reafirma que Sarai, mesmo idosa e estéril, dará à luz um filho e dele se originará todo o Povo da Aliança. Deus aparece a Abrão novamente e muda seu nome para Abraão e o de Sarai para Sara,

pois haviam se tornado novas criaturas a partir do encontro com o Senhor. Nessa ocasião, também, Deus dá a Abraão o sinal da circuncisão, que será o sinal externo da pertença ao povo de Deus. A circuncisão é sinal do Batismo, porque é através dele que nós começamos a fazer parte do novo povo de Deus, a Igreja. E Deus disse a Abraão: *“Anda na minha Presença e sê íntegro!”* (Gn 17,1). Graças a essa Fé poderosa, Abraão tornou-se o *“Pai dos crentes”*, o *“Pai da Fé”*. Abraão é também chamado, na Escritura, de *“Amigo de Deus”* (Tg 2,23), porque viveu a vontade de Deus.

Deus cumpriu integralmente a sua parte na Aliança. Conduziu o povo até a terra prometida (Canaã) e garantiu a descendência de Abraão, pois Sara gerou um filho, Isaac. Abraão, por sua vez, foi fiel ao Senhor e não hesitou nem mesmo



quando Deus lhe pediu para sacrificar seu próprio filho, aquele em quem ele pôs toda a esperança de sua vida. Ele seria o seu herdeiro; dele iria sair a descendência que Deus lhe prometera. Vendo a fidelidade de Abraão, porém, o Senhor poupou a vida de Isaac e acreditou nele (Gn 22,1-18).

Isaac, o filho que nasceu da promessa, casa-se com Rebeca e tem dois filhos: Esaú e Jacó. Jacó casou-se com as duas filhas de seu tio: Lia e Raquel e, com elas, teve doze filhos e uma filha. Jacó, na sua volta para casa, teve um encontro com Deus, que lhe muda o nome, dizendo-lhe: *“Doravante não te chamarás Jacó, mas Israel, pois lutaste com Deus e com os homens e prevaleceste”* (Gn 32,29).

Dentre os filhos de Jacó, um se destaca e tem sua história contada em capítulos à parte: José, que em muitas coisas remete à figura de Jesus Cristo. Ele foi vendido pelos seus irmãos por inveja. Foi levado para o Egito, onde viveu algum tempo como escravo. Porém, um dia decifra os sonhos do Faraó e salva todo o povo, prevendo os anos de fartura e os de seca, nos campos cultivados pelos egípcios. O Faraó confia a ele a administração de todo o Egito e o exalta, colocando-o como a primeira autoridade no Egito, abaixo apenas de si. Por causa de José, Jacó e seus filhos vão para o Egito e ali vivem por muitos anos. Os descendentes dos filhos de Jacó serão conhecidos como *“As doze tribos de Israel”*, conservando, cada tribo, o nome de um filho. Ex.: tribo de Simeão, tribo de Judá, etc.

Assim, o povo originário de Abraão foi depositário da promessa feita aos patriarcas: Abraão, Isaac e Jacó.

1) PARTILHA FRATERNA

Anim.: Agora que conhecemos um pouco da História da Salvação, meditemos:

- O que a História da Salvação diz para mim, para nós?
- Minha fé se parece com a fé de Abraão?

2) RITO FINAL

RICA: n.º 119: *Quem coordena o encontro estende as mãos sobre todos, enquanto faz a oração da bênção. Peça que abaixem a cabeça e diz:*

Oração: Que o Senhor abra o vosso coração à Sua Palavra e que ela vos leve à Fé. Que a sua luz possa dar sentido e rumo para a vossa vida; que, nela, vós encontreis coragem, esperança e, principalmente, possais sentir-

-vos amados por Deus e aprendais a amar a Deus e ao próximo. Aumentai, Senhor, a fé destes vossos filhos, para que vivam mais intensamente a vida, que consiste em vos conhecer e ao Vosso Filho que enviastes. Amém!

Anim.: Que o Senhor seja a vossa força e a vossa luz. Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe! Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Todos: Amém!

Canto: Senhor, eu quero te agradecer (*Cantos para as Comunidades, p. 109, n.º 571*).



7º Encontro (25-31/05) História da Salvação II

1) OBJETIVO

Continuar apresentando a Aliança de Deus com Abraão para que conheçam a história da Salvação.

2) AMBIENTAÇÃO

Acolher, com palavras amigas, os catecúmenos e colocá-los, se possível, em círculo, deixando-os bem à vontade.

3) RITO INICIAL

Colocar-se na presença de Deus, saudar a Santíssima Trindade e, em seguida, invocar o Divino Espírito Santo. Ou outra oração que o Animador(a)-catequista queira preparar.

Todos: Vinde, Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo de vosso amor. Enviai o vosso Espírito e tudo será criado e renovareis a face da terra.

Anim.: Oremos:

Todos: Deus, que instruístes os

corações dos vossos fiéis com a luz do Espírito Santo, fazei que apreciemos retamente todas as coisas, segundo o mesmo Espírito, e gozemos sempre de sua consolação. Por Cristo, Senhor nosso. Amém!

Canto: Bendito os pés que evangelizam (*Cantos para as Comunidades*, p. 15, n.º 62).

4) ILUMINAÇÃO BÍBLICA

Anim.: Proclamar Ex 12,1-14, de acordo com o método da Leitura Orante da Bíblia:

- De que fala o texto que acabamos de ouvir?
- O que o texto diz para mim, para nós?
- O que o texto me faz dizer a Deus?

5) APROFUNDANDO O TEMA

No encontro passado, vimos o início da História da Salvação,

com Abraão e a Promessa que Deus fez a ele e à sua descendência. Vimos também que Jacó e seus filhos foram para o Egito, onde já estava José, que tinha sido vendido pelos irmãos. No começo, enquanto José era vice-rei do Egito, os israelitas gozavam de liberdade. Mas, decorridos mais de 400 anos, sob o jugo de um Faraó que não conheceu José, o Povo de Deus estava submetido à dura escravidão na terra dos faraós. Os hebreus amassavam o barro nas olarias do Egito, sem gozar de direito algum no país. O faraó, tendo medo desse povo numeroso que habitava o seu país, resolveu submetê-lo à escravidão e impedir que eles crescessem (Ex 1,7-22). As parteiras receberam ordem para matar todos os meninos que nascessem dos hebreus.

Nessa situação, nasce um menino que os pais conseguem esconder por três meses. Depois disso,



vendo que não podiam mais escondê-lo, a mãe depositou-o num cesto, protegido, e colocou-o no Rio Nilo. A filha do Faraó estava ali, banhando-se, e vendo o menino, resolveu levá-lo para o palácio e adotá-lo. Esse menino recebe o nome de Moisés, que significa: *“Salvo das águas”*. E é quem Deus chamará, mais tarde, para libertar o seu povo da escravidão do Egito (Gn 1-2,1-10). Moisés, já adulto, um dia, mata um egípcio que maltratava um hebreu e teve que fugir, para salvar a sua vida.

Moisés vai para a terra de Madiã, fica morando na casa de um sacerdote que tem sete filhas; casa-se com a mais velha, Séfora, e tem um filho com ela. No Egito, morreu o Faraó, mas o povo continuava gemendo sob o peso da escravidão. Do fundo da escravidão o povo clamou a Deus, que ouviu os seus gemidos e lembrou-se da Aliança com Abraão, Isaac e Jacó (Ex 2,11-24).

Um dia, Moisés levava o rebanho de seu sogro para pastar e chegou ao Monte Horeb (Sinai), a montanha de Deus. Deus lhe apareceu numa chama de fogo, no meio de um espinheiro que ardia, mas não queimava. Do meio da sarça ardente, Deus chamou-o e lhe disse: *“Eu sou o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó. Eu vi a miséria, o sofrimento do meu povo e decidi libertá-lo. Vai! Eu te envio ao Faraó, para libertar o meu povo, os filhos de*

Israel!” (Ex 3,1-8a.13-15). Moisés não queria ir e arranja todo tipo de desculpa. Mas Deus não aceita. Moisés, então, pergunta-lhe qual é o Seu Nome, para poder dizer ao povo qual o Deus que lhe tinha aparecido, porque no Egito se pensava que havia muitos deuses. Porém, Deus não diz um nome. Ele diz que é *“Eu sou”*. Dize aos filhos de Israel: *“Eu sou me enviou a vós”!*

Como o faraó manteve o coração endurecido e não quis libertar o povo hebreu, Deus concede a Moisés a capacidade de realizar uma série de sinais para convencê-lo a libertá-los. Moisés volta, pois, para o Egito e vai com Aarão, seu irmão e companheiro na missão, pedir ao Faraó que deixe os hebreus saírem do Egito. Mas o Faraó não os escuta, porque esse povo era uma mão de obra barata para fazer os serviços

pesados. Então, Moisés realiza os sinais e Deus envia as Dez Pragas sobre os egípcios. Foram elas: a água transformada em sangue, a infestação de rãs, os mosquitos, as moscas, a peste nos animais, as úlceras, a chuva de pedra, os gafanhotos, as trevas e, por fim, a morte dos primogênitos.

Apesar de todas as demonstrações de poder com o envio das nove primeiras pragas, o faraó prometia que libertaria o povo hebreu. Porém, assim que as pragas eram retiradas, seu coração endurecia e ele voltava atrás, mantendo o Povo de Deus como escravo.

Então, Deus diz a Moisés que enviará uma última praga sobre o Egito e, depois disso, o faraó os deixará partir. Até mesmo os expulsará de seu país (Ex 11,1-10). A libertação deveria acontecer na noite da Páscoa. A Páscoa era uma festa pagã, em que se festejava a *“passagem”* do inverno para a primavera (Páscoa= passagem), quando a natureza começa a renascer, quando se passa da morte para a vida, que vai desde a segunda quinzena de março até a primeira quinzena de abril, coincidindo, para nós, com a passagem do verão para o outono.

Deus diz a Moisés e Aarão: *“Este mês será, para vós, o primeiro mês do ano. Dize ao povo que, no primeiro dia do mês, cada família pegue um cordeiro, macho, sem defeito, de um ano, e o guarde até o*



dia catorze desse mês, quando será imolado, à tarde. Tomareis o seu sangue e o passareis sobre os dois marcos e a travessa da porta da casa em que o comereis. Não comereis a carne crua, nem cozida na água, mas assada no fogo, e a comereis com pães ázimos e ervas amargas. Não deverá sobrar nada dela para o outro dia; se sobrar, deverá ser queimada no fogo. Vós o comereis assim: com os rins cingidos, sandálias nos pés e com vara na mão. Comereis às pressas, pois é a "Páscoa do Senhor". Naquela noite, Eu passarei pela terra do Egito e ferirei todos os primogênitos, desde os homens até os animais; o sangue nas vossas portas será um sinal, em vosso favor: quando Eu vir o sangue, passarei adiante e não haverá, entre vós, o flagelo destruidor. Este dia será, para vós, um memorial, e o celebrareis como uma festa em todas as gerações; é um decreto perpétuo" (Ex 12,1-14).

O Senhor passou no meio da noite e feriu todos os primogênitos na terra do Egito, desde o primogênito do Faraó, que deveria sentar-se no trono, até o primogênito dos animais. Nessa noite, o Faraó levantou-se, com todos os egípcios, numa grande lamentação, porque não havia uma casa em que não houvesse um morto. Faraó mandou chamar Moisés e Aarão e expulsou o povo do país (Ex 12,29-33).

Quando Deus tirou o povo do Egito, levou-os pelo caminho do deserto, passando pelo Mar Vermelho. Ele ia à frente deles, de dia, numa coluna de nuvem, para lhes mostrar o caminho, e, de noite, numa coluna de fogo, para iluminá-los, a fim de que caminhassem de dia e de noite (Ex 13,17-22).

Depois que o povo saiu do Egito, o Faraó se arrependeu e foi, com seus soldados, em busca dos filhos de Israel para trazê-los de volta. O povo, avistando de longe os egípcios, ficou apavorado e

murmurou contra Moisés, por tê-los tirado do Egito. Moisés disse ao povo: *"Não temais! Permanecei firmes e vereis o que o Senhor fará, hoje, para vos salvar; os egípcios que hoje vedes, nunca mais os tornareis a ver! O Senhor combaterá por vós e vós ficareis tranquilos"* (Ex 14,1-14).

Deus, então, manda a Moisés que estenda a sua vara sobre o mar, para que ele se abra, a fim de que os filhos de Israel caminhem pelo meio. E, disse-lhes: *"Eu endureci o coração dos egípcios para que vos sigam e serei glorificado às custas do Faraó e de todo o seu exército. E os egípcios saberão que "Eu sou o Senhor, quando Eu for glorificado neles"* (Ex 14,17). Então, a coluna de nuvem que ia à frente deles, passou para trás, ficando entre o acampamento dos egípcios e o de Israel, de modo que eles não podiam se aproximar um do outro. Moisés estendeu a mão sobre o mar e começou a soprar um vento forte, durante toda a noite, que secou o mar; este se tornou terra seca e as águas foram divididas. Os filhos de Israel entraram no mar seco e as águas formavam uma muralha à sua esquerda e à sua

direita. Os egípcios, que os perseguiram, entraram no mar, atrás deles. Ao romper da manhã, Deus emperrou as rodas de seus carros e eles avançavam com dificuldades; entenderam que Deus estava lutando contra eles, a favor de Israel, e resolveram voltar. O Senhor diz a Moisés que estenda a sua mão sobre o mar, para que ele se volte sobre os egípcios, e o mar voltou ao seu leito. Os egípcios, na sua fuga, foram de encontro a ele e morreram todos. Os filhos de Israel, porém, passaram pelo mar, a seco. Naquele dia, Israel viu os egípcios mortos à beira mar e viu, também, o grande poder do Senhor (Ex 14,15-15,21). E o povo caminhou pelo deserto sob a proteção do Senhor, mas quando surgia uma dificuldade, reclamava e duvidava do seu poder, mesmo tendo visto e provado sua compaixão e providência.

No terceiro mês da saída do Egito, o povo chega ao Monte Sinai; e Deus, ali, apesar das constantes infidelidades do seu povo, faz uma Aliança com ele (Ex 19,1-20,21; 24,1-18; Dt 5,1-22). Nessa Aliança, Deus lhes entrega os Dez Mandamentos,



que é o Caminho para o povo encontrar-se com os favores de Deus, para encontrar-se com a felicidade (Dt 5,32-33; 6,1-13). Deus acompanha a caminhada do seu povo durante os quarenta anos em que esteve no deserto; porém, esse povo é constantemente tentado a renegar a Deus e se rebela, continuamente, contra Ele. Deus, porém, está sempre disposto a perdoar o seu povo, quando esse se arrepende e quer voltar aos caminhos que havia traçado para ele (Dt 8,1-11,32).

Moisés morre sobre o Monte Nebo, contemplando, daí, toda a Terra Prometida, na qual ele não entraria (Ex 34,1-12). Em seguida, Josué entra com o povo na Terra, expulsando os povos que aí habitavam.

Depois da morte de Josué e de todos os que tinham saído do Egito e que viram, pessoalmente, as maravilhas de Deus, o povo começou a cultuar os deuses dos pagãos e caiu nas mãos dos povos inimigos. Deus suscita, então, os Juizes que se tornam libertadores do povo e, enquanto esse juiz vivia, Israel conservava-se fiel a Deus; quando ele morria, retornavam à idolatria (Jz 2,6-19). E assim, sucessivamente, até Samuel, que foi o último Juiz em Israel (1Sm 1,1-2,11; 3,1-4,1).

Mesmo vivendo na liberdade, o povo pedia um rei. Samuel unge os dois primeiros reis de Israel: Saul, da tribo de Benjamim (1Sm 8,1-10,8; 10,17-27), e Davi, da tribo de Judá (1Sm 16,1-13). Depois, com Salomão, o filho de Davi que o substitui no trono, o Reino se divide. Dez tribos se separam e formam o Reino de Israel, e as tribos de Judá e Benjamim formam o Reino de Judá. Tanto em Israel como em Judá, muitos reis foram infiéis a Deus. Cultuavam os deuses pagãos e levavam o povo à idolatria (1Rs 11,26-16,34). Surgem, nesse tempo, os



profetas que aparecem para denunciar o pecado dos reis e do povo, chamando-os à conversão (1Rs 17,1 até 2Rs 24,20). Porém, Israel e Judá não escutam a voz dos profetas e o povo foi vencido por seus inimigos e levado para o Exílio. Primeiro, foi o reino de Israel (2Rs 17,1-41) e, depois, o reino de Judá (2Rs 23,31-25,30). Assim, voltam à escravidão. O Exílio foi um tempo muito forte para o povo de Israel; tempo, principalmente, de purificação da sua fé e de conscientização de suas infidelidades à Aliança com o Senhor. Agora, eles estão sem Templo, sem sacerdotes, sem levitas, impossibilitados de prestar culto a Deus. Tornaram-se novamente escravos, sem liberdade. Para falar em nome de Deus e trazer o povo de volta ao caminho, Deus suscita profetas no meio do povo.

6) PARTILHA FRATERNA

Anim.: - O que mais chamou a sua atenção na reflexão das histórias bíblicas de hoje?

- O Povo de Deus foi escravizado no Egito. O que nos escraviza nos dias de hoje?

7) RITO FINAL

RICA: n.º 119: *Quem coordena o encontro estende as mãos sobre todos, enquanto faz a oração da bênção. Peça que inclinem a cabeça e diz:*

Oração: Olhai, Senhor, os vossos servos e servas que obedecem ao vosso santo nome e inclinam a cabeça diante de vós: ajudai-os a praticar todo bem e a inflamar seus corações para que, lembrando-se das vossas ações e mandamentos, se apressem com alegria em vos servir em tudo. Por Cristo, nosso Senhor.

Todos: Amém!

Anim.: Que o Senhor seja a vossa força e a vossa luz. Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe! Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Todos: Amém!

Canto: Senhor, quanto mais caminho (*Cantos para as Comunidades, p. 30, n.º 161*).

Encontros elaborados por:
Equipe Diocesana da Catequese

Adaptação: Pe. Carlos Gomes
Cianorte - PR

Um só rebanho e um só Pastor

No curso de Teologia que prepara para o presbiterado e também no Centro de Estudos São João XXIII – Umuarama, há uma disciplina chamada Patrística. Ela tem por objetivo conhecer os Padres da Igreja, que são os primeiros teólogos que defenderam, aprofundaram e colocaram as bases da doutrina católica nos primórdios da Igreja. Entre eles há corajosos defensores da fé, que a defenderam com a própria vida, extraordinários bispos e pastores que organizaram e conduziram as comunidades cristãs dos primeiros séculos. Teólogos brilhantes que deram contribuição decisiva para a teologia católica que nós aprendemos e vivemos hoje. Obras escritas com tal sabedoria que nunca foram superadas e são referências para estudos, documentos e concílios dos nossos dias.

O passado ilumina o presente, por isso, podemos recorrer a eles nesses tempos em que a Igreja se vê seriamente contestada por alguns grupos dentro da própria Igreja. Movidos por ideologias e saudosismo, querem retornar a um passado que foi ultrapassado no Concílio Vaticano II. Não defendem a Sã Doutrina da Igreja. Presunçosamente, acham-se iluminados a ponto de questionar a legitimidade da eleição do Papa Francisco. Inimigos da Igreja, servem-se das redes sociais para disseminar a cizânia e confundir incautos e desinformados.

A eleição do Papa Francisco, há sete anos, despertou grande expectativa de que seriam inaugurados novos tempos na Igreja, propostos pelo mesmo Concílio. Realmente, desde o primeiro momento, ele surpreendeu o mundo com gestos proféticos, mas que desagradam ao pequeno grupo de opositores.

Situações semelhantes sempre existiram na Igreja, como havia no norte da África nos primeiros séculos. Um dos luminares da época é São

Cipriano de Cartago, convertido em 246, logo depois ordenado e sagrado Bispo e martirizado em 258.

Para combater sérias e perigosas controvérsias que havia, escreveu uma obra imortal sobre a unidade da Igreja. Alguns tópicos: “Não pode ter Deus por Pai quem não tem a Igreja por mãe. Mais do que o inimigo externo, devemos temer o inimigo que entra às escondidas como uma serpente. Infiltra-se com sutileza e introduz as heresias e os cismas para derrubar a fé, para contaminar a verdade e dilacerar a unidade. Quem se desliga da Igreja vai juntar-se a uma adúltera e não recebe os bens da Igreja. Devemos alegrar-nos quando esses inimigos da Igreja se separam dela, assim as ovelhas não são contaminadas pelo seu veneno. Os bons nunca deixam a Igreja. O pecado da discórdia é tão grande e imperdoável que não se apaga nem pelos tormentos. Quem causa a discórdia na Igreja confessa que é cristão, mas como o diabo, engana dizendo ser de Cristo. Cristo edificou a Igreja sobre um só fundamento: ‘Tu és Pedro e sobre esta pedra construirei a minha Igreja’. Quem não vive a comunhão com a Igreja, quem rasga a túnica de Cristo poderá dizer ainda que tem fé? Aquele que resiste e faz oposição ainda poderá considerar-se igreja?”

Segundo o Evangelho de João: “As minhas ovelhas ouvem minha voz, eu as conheço e elas me seguem.” (João 10,27). Que voz você anda seguindo?

**Frei Justino
Felix Stolf, OFMCap**

Diretor do Centro de
Estudos São João XXIII
Umuarama - PR





A Salvação e a Missa

Nossa história é repleta de bons momentos, cada idade pode ser vivida com muita alegria e vigor, acredito que você, leitor e leitora, consegue recordar-se de vários acontecimentos e experiências maravilhosas. Uma das "idades" que mais me deixou saudade foi a de quando tinha 12 a 14 anos, eu e meus amigos nos encontrávamos na praça da Igreja para uma brincadeira que se chamava "Salva", escolhíamos o que ia "pegar" a todos, delimitávamos o espaço onde podia-se correr, e pernas para quem tivesse! O "pegador" devia bater nas costas de cada um que capturava e gritar "Tá pegoi!", pronto, aquele ia para uma árvore ou poste escolhido e ficava "grudado" nela com uma mão e com a outra estendida esperando ser "salvo"! A cada um que era capturado, ia se formando um cordão de meninos, com as mãos dadas e ligados ao lugar da "prisão", mas se um dos amigos conseguisse passar e tocar no cordão humano gritando "SALVA", era moleque para todo lado! Todos estavam salvos!

Veja que "providência", um pegador, um cordão humano e um salvador, na praça da Igreja. Pode parecer algo sem ligação, mas não é, Deus usa de diversas formas para educar seus filhos! Vamos lá!

Neste mundo ninguém vive sozinho, isolado, mesmo que indiretamente dependemos uns dos outros, é o desejo do Pai ao criar a humanidade, "e disse o Senhor Deus: não é bom

que o homem esteja só..." (Gn 2,18); assim, caminhamos como naquele cordão da brincadeira, de mãos dadas e submetidos a erros e acertos! O "pegador", nada menos que o diabo, e a prisão, que constantemente somos colocados, nada mais é que o pecado, afinal "com efeito, todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus" (Rm 3,23), e sozinhos não podemos nos salvar! É assim que vamos reconhecendo a necessidade de um salvador, agora não mais um amigo qualquer, que correndo toca em nossas mãos gritando "salva", mas aquele "que se entregou por nossos pecados, para nos libertar da perversidade do mundo presente, segundo a vontade de Deus, nosso Pai" (Gl 1,4), e tornou-se a Salvação para a humanidade, que está na Igreja das praças da vida!

A Congregação para a Doutrina da Fé, em 22 de fevereiro de 2018, apresentou uma Carta aos Bispos da Igreja Católica, sobre alguns aspectos da salvação cristã, chamada **Placuit Deo** (Aproveu a Deus), em que, nos parágrafos 12 ao 14, vai tratar sobre a Salvação na Igreja, corpo de Cristo, afirmando que o lugar onde recebemos a salvação trazida por Jesus é a Igreja, comunidade daqueles que, tendo sido incorporados à nova ordem de relações inaugurada por Cristo, podem receber a plenitude do Espírito de Cristo (cf. Rom 8,9). É preciso compreender que a salvação que Deus nos oferece não é alcançada apenas pelas forças individuais, como



gostaria o neopelagianismo, e sim por meio das relações nascidas do Filho de Deus encarnado e que formam a comunhão da Igreja. Além disso, uma vez que a graça que Cristo nos oferece não é, como afirma a visão neognóstica, uma salvação meramente interior, mas que nos introduz nas relações concretas que Ele mesmo viveu, a Igreja é uma comunidade visível: **nela tocamos a carne de Jesus, de maneira singular nos irmãos mais pobres e sofredores**. Enfim, a mediação salvífica da Igreja, «sacramento universal de salvação», assegura-nos que a salvação não consiste na autorrealização do indivíduo isolado, e, muito menos, na sua fusão interior com o divino, mas na incorporação em uma comunhão de pessoas, que participa na comunhão da Trindade.

Na Igreja, por meio dos sacramentos, entre eles o Batismo que é a porta, e a Eucaristia que é fonte e ápice, somos inseridos na obra redentora de Jesus e, assim, tomamos posse da Salvação.

Muitas vezes a salvação é vista como libertação do corpo e das relações concretas que a pessoa vive, pelo contrário, como somos salvos «por meio da oferta do corpo de Jesus Cristo» (Hb 10,10; cf. Cl 1,22), a verdadeira salvação, longe de ser libertação do corpo, compreende também a sua santificação (cf. Rm 12,1).

Aqui vemos a relevância da Missa na vida das famílias como peça importante da Salvação, o Papa São João Paulo II, na sua carta encíclica, ***Ecclesia De Eucharistia***, sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja, diz assim: "A incorporação em Cristo, realizada pelo Batismo, renova-se e consolida-se continuamente através da participação no **sacrifício eucarístico**, sobre-

tudo na sua forma plena que é a comunhão sacramental. Podemos dizer não só que **cada um de nós recebe Cristo**, mas também que **Cristo recebe cada um de nós**. Ele intensifica a sua amizade conosco: « **Chamei-vos amigos** » (Jo 15, 14). Mais ainda, nós vivemos por Ele: « **O que Me come viverá por Mim** » (Jo 6, 57). Na comunhão eucarística, realiza-se de modo sublime a inabituação mútua de Cristo e do discípulo: « **Permanecei em Mim e Eu permanecerei em vós** » (Jo 15, 4)".

Como famílias, somos chamados a viver a Salvação por meio da Missa e da Vida em Comunidade, assim teremos a certeza que "Ele está no meio de nós"!

Rezemos como São Tomás de Aquino:

Bom Pastor, pão da verdade,
Tende de nós piedade,
Conservai-nos na unidade,
Extingui nossa orfandade
E conduzi-nos ao Pai.
Aos mortais dando comida,
Dais também o pão da vida:
Que a família assim nutrida
Seja um dia reunida
Aos convivas lá do Céu.

Paz e bem!

Paulo Angelo Lourenço dos Santos

Coordenador do Centro de
Estudos Teológicos São Paulo VI
Cianorte - PR
✉ epauloangelo@hotmail.com





Jubileu Tempo de celebrar e renovar a vida

Com o Salmista, rezamos ou cantamos: "Aclamai o Senhor, ó terra inteira, servi ao Senhor com alegria, ide a ele cantando jubilosos" (Salmo 99,1). O Jubileu exprime, antes de tudo, alegria, festa. É um tempo de graça e de salvação, em que Deus chama a todos nós, pastores e fiéis, a uma profunda renovação da nossa fé e da nossa vida cristã. Estamos celebrando o compromisso de uma Igreja nascida sob o signo do memorável Concílio Ecumênico Vaticano II, repito, celebrando uma Igreja renovada, fiel e comprometida com a missão, na qual o jubileu não é apenas uma festa, mas a atualização da fé, da esperança e da certeza do amor de Deus, considerando este ano um verdadeiro Kairós, ou seja, o tempo de Deus, em nossa vida pessoal e comunitária.

Na organização dos dias, meses e anos, o ser humano necessita de tempos especiais em que possa recomeçar a vida e rever as relações. Isso porque estruturas de pecado e injustiça se infiltram nas estruturas da sociedade e da religião. A celebração de um Ano Jubilar tem a função de propor às pessoas um recomeço, conferindo a toda nova situação de vida. Como em nossa diocese alguns anos nos separam do Ano Jubilar, é pertinente que vejamos como essa tradição foi se desenvolvendo ao longo do Antigo Testamento e como Jesus se apropriou dela em sua missão. Assim, nossas comunidades também criaram uma saudável expectativa para celebrar os cinquenta anos da Diocese de Umuarama, tempo de graça e de Boas-Novas.

O Sábado surge como instituição para o descanso. Ele é questão de justiça: como Deus descansou, todos devem descansar (Ex 34,21; 23,12, por exemplo). Com o passar do tempo, o sábado serve para recordar a libertação através do Mar Vermelho, tornando a Páscoa memorial de salvação dos hebreus (Dt 5,12-15). Durante o exílio, os exilados reivindicavam um dia livre para reconstruir sua consciência e sua fé, uma vez embrutecidos pelo trabalho escravo. "O sábado era importante para reconstruir-se como pessoa e reconstruir sua identidade como Povo de Deus".

Como o sábado, o Ano Sabático, foi instituído para ser celebrado a cada sete anos, servindo também para o descanso da terra, dos escravos. Aqui o descanso tem profunda relação com a liberdade. Posteriormente, Dt 15,1-18 fala do perdão das dívidas e da libertação de escravos, regra difícil de ser cumprida ao longo da história.

Após o exílio, aqueles que voltam têm como meta reconstruir o Templo, Jerusalém e as instituições do passado, a fim de preservar a identidade nacional. O profeta Isaías (56 – 66) se opõe a esse projeto por entender que o anúncio de boas notícias aos pobres deve ser a prioridade. Ou seja: a reconstrução da vida do povo é o objetivo do Ano Jubilar (cf. Is 61,1s)! Esse ano se prescreve depois de sete anos sabáticos ($7 \times 7 = 49$). Assim, o ano 50 é ano de libertações e profundas transformações estruturais.

Resumindo: O Sábado, o Ano Sabático e o Ano Jubilar, expressam o desejo de Deus de entrar na história humana. Seu ingresso no tempo e no espaço tiram a vida e a rotina da mesmice: trata-se de um Kairós. As estruturas opressoras que desumanizam os seres humanos, quando tocadas por Deus, são transformadas em geradoras de vida nova! Tudo é restaurado para a liberdade!

O evangelho de Lucas e a teologia desenvolvida em Atos dos Apóstolos se apropriam da imagem do Ano Jubilar para narrar a ação de Jesus, que inaugura um novo tempo! Ao narrar o início da atividade pública de Jesus, Lucas no-lo apresenta na sinagoga de Nazaré, proclamando o Ano da Graça (Lc 4,16-21). Jesus não priorizará reconstruir estruturas materiais ou colocar o homem a serviço do sábado. Sua ação em prol do Reinado de Deus é o início de um tempo novo, em que as relações entre as pessoas e com Deus ganham novo sentido!

À medida que se aproximava a celebração do Jubileu, as pessoas iam criando uma expectativa de mudança de vida. Um tempo de graça se aproximava. Deus atuaria em breve! Estamos próximos de um novo tempo, desde que deixemos nossa mentalidade mudar, transformada pela luz e força do Espírito Santo. A Igreja no Brasil, nesta perspectiva, nos aponta quatro pilares (DGAE 88-120) para entrarmos num novo modo de ser Igreja: (1) Pilar da Palavra: iniciação à vida cristã e animação bíblica da vida e da pastoral; (2) Pilar do Pão: liturgia e espiritualidade; (3) Pilar da Caridade: serviço à vida plena; (4) Pilar da ação missionária: estado permanente de missão.

Diante de tantos e tão grandes desafios, também nós devemos nos perguntar: "Que devemos fazer?". Somente assim, nós também teremos o que celebrar e com o que nos rejubilar em ocasião dos Cinquenta anos da Diocese de Umuarama.

Pe. Othon Etienne

Pároco da Paróquia Santa Clara de Assis
Umuarama - PR

✉ othonetienne2001@hotmail.com



Catequese por Amor

É possível a INCLUSÃO na CATEQUESE?



Relato de uma catequista da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, de Umuarama, com um grupo de catequese inclusiva de 2018 a 2019.

Recebi de Deus a maior oportunidade de experimentar o Seu amor em nosso meio quando acolhi, nesta turma, uma catequizanda chamada Maria Luiza, com deficiência intelectual. A presença dela me transmitia amor e docilidade. Tive a oportunidade de vivenciar com ela a presença amorosa de Deus na simplicidade e nas pequenas coisas. Maria Luiza me ensinou e confirmou um amor admirável por Nossa Senhora e Jesus Cristo. Quando ela olhava para a imagem de Nossa Senhora ou quando trazia o terço, já me dizia: "Catequista, Nossa Senhora. Vamos rezar o terço hoje?". Sempre do seu jeitinho amoroso, não era de escre-

ver ou desenhar muito, mas falava, ou melhor, passava-nos por meio de sua pessoa tão pequena e simples o amor a Deus e a Nossa Senhora. Chegando o dia da Primeira Eucaristia, igualmente nos surpreendeu, pouca coisa precisei ensinar à Maria Luiza, deu-nos um show de como receber a Eucaristia, disse ao Padre Marciano: "Vou receber Jesus", já com as mãozinhas prontas, mais à frente disse, "E cantar para Nossa Senhora!".

Hoje, quando encontro a Maria Luiza na Igreja é a maior motivação que tenho para continuar na caminhada, é o testemunho concreto de que mais aprendemos do que ensinamos no processo de catequese inclusiva. Maria Luiza foi a prova de que não apenas vemos Deus e Nossa Senhora, mas sentimos sua real presença conosco.

Outro elemento relevan-

te na caminhada catequética da Maria Luiza foi o fato de sua mãe, Suzana, sempre acompanhá-la na catequese e, com isso, tornar-se uma catequizanda na turma. Segundo ela, aprendeu muitas coisas que não sabia, e participando das celebrações eucarísticas sentiu-se muito motivada a fazer parte de tudo que acontecia na caminhada catequética de sua filha. Após a filha receber o Sacramento da Eucaristia, apresentou-se para ajudar como catequista auxiliar na catequese eucarística.

Muita gratidão à Maria Luiza e sua mãe, Suzana, por tão belo testemunho. Deus seja louvado por tudo isso!

Josiane Zambão

Catequista da Paróquia
Nossa Senhora Aparecida, Umuarama - PR

Cuidado!

As telas invadiram sua casa e sua vida



É tentador aos adultos oferecer as telinhas aos pequeninos, pois são um distrativo muito forte que faz com que a criança fique entretida. A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) lançou o Manual com Orientações sobre Uso de Telas e Internet, e para eles, alguns dos problemas estão relacionados à negligência ou deficiência na relação dos pais com os filhos e com a família. A distração passiva, para que a “criança fique quietinha” tem afetado o desenvolvimento cognitivo, corporal e relacional da criança. As pessoas carregam um mito de que ao oferecer precocemente jogos interativos ou a tecnologia irá aumentar seu QI. Embora não percebam que o excesso pode ser prejudicial.

O uso das telinhas exige atenção para a quantidade de tempo adequado conforme idade e maturidade, de forma monitorada, sem que isso afete as relações e o desenvolvimento da criança. Além de que ela necessita de brincadeiras mais ativas do que passivas. É fundamental que a criança construa uma “vida real”, do que uma “vida virtual”, seja ela a agente de sua história real e não apenas uma personagem de um jogo.

O desenvolvimento de nossa personalidade se dá por meio do contato humano, das nossas relações e dos nossos vínculos. É necessário ter interação, afeto e

segurança. As crianças precisam de adultos que lhes apresentem o mundo e as ensine a interpretá-lo. É na convivência que elas vão aprendendo a lidar com seus sentimentos e com tudo aquilo que precisam descobrir. Quando não oferecemos às crianças todo esse apoio e toda essa descoberta do mundo, estamos tornando-as “aleijadas psiquicamente”. É preciso que a criança aprenda a se frustrar, a criar, a recomeçar, a perder e a ganhar, a saber esperar, trabalhando sua paciência, autoestima e capacidade mental e física.

Chego a dizer que temos criado uma geração frágil emocionalmente, que não suporta lidar com as exigências da vida. As crianças têm ficado enfiadas nas redes sociais e não têm experimentado o mundão lá fora. E quando elas crescerem e depararem-se com os desafios? Vão fazer o quê? Tornam-se adultos mimados que não conseguem resolver seus problemas. Quem não aguenta um joelho ralado na infância, não suportará as outras exigências da vida.

Não estou sendo contra as redes sociais nem aos jogos, mas friso muito aqui a questão de ter limites. Os adultos necessitam supervisionar as crianças e analisar o tempo, conteúdo, o que elas estão fazendo e com quem estão se relacionando. Isso é questão de

saúde e de segurança. Os jogos também têm seu lado benéfico. É momento de lazer, de descontração e, ainda, desperta todo um lado cognitivo. Além disso, as redes sociais também permitem que nos relacionemos e forneçam-nos ferramentas de interação. A questão abordada nesse texto é para que haja equilíbrio, pois, as crianças têm passado por um excesso de informações e isso tem causado grandes danos, visto que muitas delas não possuem idade suficiente para filtrar as informações e avaliar os riscos.

A Sociedade Brasileira de Pediatria orienta os pais que uma criança abaixo de 10 anos não deveria ter redes sociais. Crianças abaixo de 2 anos não deveriam nem ter acesso a celulares e outras telas. Ainda, apontam que se deve evitar telas durante as refeições e pelo menos 1 hora antes de dormir. Não permitir que as crianças e adolescentes se isolem em seus quartos utilizando os eletrônicos, ficando muito tempo fechados. É importante avaliar e supervisionar os conteúdos acessados pelos filhos, não permitindo que o uso seja excessivo, prolongado e inadequado a ponto que gere risco ao desenvolvimento físico, mental e comportamental. Por fim, é pertinente: não tirar ou simplesmente proibir os jogos e eletrônicos, mas sim oferecer outras atividades que são saudáveis e alternativas para a interação da criança, como estimular sempre a relação familiar e com outros amigos.

Lucas Botta Antonelli

Psicólogo Clínico
Especialista em Psicoterapia
Psicanalítica - CRP 08/21088
Cianorte - PR
✉ lucas.botta@hotmail.com





VOCAÇÃO E SALVAÇÃO

Sendo Salvação o tema norteador deste mês de maio, conforme orienta o processo de Iniciação à Vida Cristã que estamos vivenciando em nossas comunidades, senti o quanto é importante escrever relacionando vocação e salvação. Um tema cuja inspiração encontramos fortemente nas Sagradas Escrituras e no magistério da Igreja.

Segundo as Escrituras Sagradas, a salvação é uma obra exclusivamente divina, na qual o próprio Deus outorga a pessoa a participar em algumas partes deste processo salvador. Nesse sentido, a vocação é uma obra divina, um chamado de Deus. Daí a importância de aprendermos um pouco mais sobre a obra redentora do amor de Deus, que nos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.

Assim sendo, a salvação é um processo que envolve a vocação, a conversão, a justificação, a adoção e a santificação. Um Deus que na sua infinita misericórdia nos salvou e chamou a uma santa vocação; não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e graça, que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos dos séculos (cf. 2 Tm 1,9).

Ajuda-nos, nesta reflexão, o

que nos diz Dom Mariano Manzano - Bispo Diocesano de Mossoró-RN, (2018). Ao falar de vocação e salvação, ele afirma que muitas vezes falamos que a vocação nasce no coração de Deus como um chamado, como um bem para seu povo. Assim, não podemos entender a vocação sem o contexto da história da salvação. Deus nos dá uma vocação para o serviço do povo em vista da nossa salvação e de todos. Somos os primeiros a serem salvos na medida em que vivemos o chamado na perspectiva do serviço. Eis, então, a bela relação entre vocação, salvação, missão e misericórdia.

Ele ainda afirma que, se a vocação é para nossa felicidade na salvação, a mesma somente se realiza como tal na medida do serviço na missão, pois não podemos falar de salvação sem missão, e de felicidade sem relação e serviço. A felicidade é condicionada à missão, e a salvação acontece nas relações dentro da missão. Tudo isso se revela como uma obra de misericórdia de Deus, que, ao nos criar, deu-nos um "lugar no mistério da vida", para que nos realizássemos como filhos seus e cooperássemos com sua obra de salvação do gênero humano e plenificação da criação. Ele nos recorda a

parábola dos operários da vinha, que foram chamados em momentos diferentes, mas todos receberam o mesmo "salário" (Cf. Mt 20, 1-15). Alguns despertam cedo sua vocação, outros porque "ninguém chamou" fazem um discernimento posterior, no entanto somos todos operários.

Portanto, na vinha de Deus não há lugar para desocupados ou desempregados. Entretanto, o próprio Jesus sentiu esta realidade de uma grande missão e poucos missionários (as) quando afirmou: "A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos" (Mt 9,32-38). Assim, nesta vinha, neste Reino de Deus, todos somos chamados a cooperar com Deus por meio de uma vocação específica, no serviço missionário, como instrumento da misericórdia d'Ele, em vista da salvação de todos, e nisto encontrar nossa realização, felicidade.

Neste sentido, concluímos que toda vocação é um caminho de realização e salvação. E neste mês dedicado à nossa querida Mãe Maria, a vocacionada do Pai por excelência soube dizer do plano de Salvação de Deus. Na Anunciação (cf. Lc 1,26-38) acolhe a proposta de Deus. O anúncio do anjo Gabriel revela a vocação de Maria e sua resposta generosa: "Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra" (Lc 1,38). Por isso, rezando as dez Ave-Marias pelas vocações, pedimos: Maria, Mãe das vocações, rogai por nós.

Ir. Dirce Gomes da Silva - ICP

Coordenação Diocesana
SAV/Pastoral Vocacional
Tapejara - PR

✉ pastoralvocacional@diocesedeumarama.org.br





Rádio
Inconfidência
A sintonia do bem



Conecte-se... Sintonize e curta...
Músicas e conteúdo católico...



44 98455-6091

www.radioinconfidenciaam.com.br



**DICAS PARA A RENOVAÇÃO
ANUAL DE ASSINATURA DA
REVISTA INFORMATIVO
DIOCESANO**

- Na secretaria da sua Paróquia, no seu grupo, comunidade e/ou movimento;
- Na Cúria Diocesana – via Correios: Fone/fax (44) 3622-1301; e-mail: pastoral@diocesedemuarama.org.br;
- Assinatura on-line, setor de Comunicação – PASCOM, situado na Cúria Diocesana; e-mail: imprensa@diocesedemuarama.org.br